

KATRINE MARÇAL

**O LADO INVISÍVEL DA
ECONOMIA**

**UMA VISÃO
FEMINISTA**

Tradução
Laura Folgueira

EDITORA
ALAÚDE

Copyright © 2012, 2015 Katrine Marçal

Copyright da tradução © 2017 Alaúde Editorial Ltda.

Título original: *Det enda könet – Varför du är förförd av den ekonomiske mannen och hur det förstör ditt liv och världsekonomin*

Publicado originalmente (sem a introdução e o epílogo) por Albert Bonniers Förlag, Estocolmo, Suécia.

Publicado em português mediante acordo com Bonnier Rights, Estocolmo, Suécia, Kontext Agency, Estocolmo, Suécia, e Vikings of Brazil, São Paulo, Brasil.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1ª de janeiro de 2009.

Edição utilizada nesta tradução: *Who cooked Adam Smith's dinner?*, Portobello Books, Londres, 2015.

Preparação: Maria Sylvia Corrêa

Revisão: Raquel Nakasone e Martha Lopes

Capa e projeto gráfico: Cesar Godoy

Imagem de capa: CSA Images/iStockphoto.com (capa); CSA-Printstock/iStockphoto.com (4ª capa)

Impressão e acabamento: EGB – Editora e Gráfica Bernardi

1ª edição, 2017

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marçal, Katrine

O lado invisível da economia : uma visão feminista / Katrine Marçal ; tradução Laura Folgueira. -- São Paulo : Alaúde Editorial, 2017.

Título original: *Det enda könet : varför du är förförd av den ekonomiske mannen och hur det förstör ditt liv och världsekonomin*

Bibliografia.

ISBN: 978-85-7881-455-7

1. Economia 2. Economia - Aspectos sociais 3. Feminismo 4. Mulheres I. Título.

17-06863

CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres e economia : Aspectos sociológicos 305.42

2017

Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337

Conjunto 11, Bela Vista

São Paulo, SP, 01311-200

Tel.: (11) 5572-9474

www.alaude.com.br

*A economia estuda o dinheiro
e por que ele é bom.*

Woody Allen

SUMÁRIO

AVISO	9	
PRÓLOGO	11	
CAPÍTULO 1	Em que entramos no mundo da economia e nos perguntamos quem era a mãe de Adam Smith.....	17
CAPÍTULO 2	Em que somos apresentados ao homem econômico e percebemos que ele é muito sedutor.....	27
CAPÍTULO 3	Em que fica evidente que o homem econômico não é uma mulher	37
CAPÍTULO 4	Em que vemos que nosso pacto com o homem econômico não está saindo como esperávamos.....	49
CAPÍTULO 5	Em que adicionamos as mulheres e mexemos	63
CAPÍTULO 6	Em que Las Vegas e Wall Street se mesclam	75
CAPÍTULO 7	Em que a economia global vai para o inferno	87
CAPÍTULO 8	Em que vemos que os homens também não são como o homem econômico	101

CAPÍTULO 9	Em que os incentivos econômicos não se revelam tão descomplicados quanto poderíamos imaginar	111
CAPÍTULO 10	Em que vemos que você não é egoísta só porque quer mais dinheiro	121
CAPÍTULO 11	Em que entendemos que um número negativo continua sendo igual a zero	131
CAPÍTULO 12	Em que todos nos tornamos empreendedores	143
CAPÍTULO 13	Em que percebemos que o útero não é uma cápsula espacial	151
CAPÍTULO 14	Em que descobrimos as profundezas e os medos inesperados do homem econômico.....	159
CAPÍTULO 15	Em que vemos que a maior história de nosso tempo só tem um sexo	171
CAPÍTULO 16	Em que vemos que cada sociedade sofre as consequências das mentiras que conta. E nos despedimos	179
EPÍLOGO		189
NOTAS		197
BIBLIOGRAFIA		205
CRÉDITOS		212
ÍNDICE ONOMÁSTICO		213

AVISO

O protagonista deste livro é fictício e não guarda semelhanças com pessoas vivas ou mortas. A realidade descrita aqui na verdade não existe. As teorias econômicas das quais se extraiu o protagonista não têm muito a ver com o mundo real. Qualquer semelhança entre os leitores e o protagonista do livro é mera coincidência.

Ela acontece porque você quer ser como ele. E não porque você é.

PRÓLOGO

O feminismo sempre teve a ver com economia. Virginia Woolf queria um teto todo seu, e isso custa dinheiro.*

No fim do século XIX e início do século XX, as mulheres se uniram para exigir o direito à herança, o direito à propriedade, o direito de abrir as próprias empresas, o direito de fazer empréstimos, o direito ao emprego, a salários iguais para trabalhos iguais e à opção de se sustentar, para não precisar casar por dinheiro e poder casar por amor. O feminismo ainda está relacionado a dinheiro.

O objetivo do feminismo nas últimas décadas foi tirar dinheiro e privilégios dos homens em troca de coisas menos quantificáveis para eles, como “o direito de chorar em público”.

* Referência a *Um teto todo seu*, ensaio no qual a escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941) discorre sobre as condições econômicas e sociais necessárias para que as mulheres possam se dedicar à literatura. (N. da E.)

Ou, ao menos, é assim que algumas pessoas o descrevem.

Anos se passaram desde 15 de setembro de 2008, o dia em que o banco de investimentos Lehman Brothers declarou concordata. Em poucas semanas, instituições financeiras e seguradoras no mundo todo fizeram o mesmo. Milhões de pessoas perderam o emprego e a poupança. Famílias foram forçadas a entregar sua casa, governos caíram, os mercados tremeram. O pânico passou de uma parte da economia a outra e de um país a outro, enquanto tombava um sistema que não conseguia mais se manter de pé.

Assistimos a tudo petrificados.

Se todo mundo simplesmente trabalhar, pagar seus impostos e ficar quietinho, tudo vai se resolver.

Foi o que nos ensinaram.

Mas era mentira.

Depois da crise, houve uma série de conferências internacionais. Escreveram livros e mais livros sobre o que tinha dado errado e o que era necessário fazer. De repente, de políticos conservadores ao papa em Roma, todo mundo estava criticando o capitalismo. Foi dito que a crise era uma mudança de paradigma, que agora tudo seria diferente. O sistema financeiro global precisava mudar. Novos valores teriam de dominar a economia. Lemos sobre ganância, desequilíbrio global e desigualdade econômica. Ouvimos *ad nauseam* que a palavra chinesa para “crise” é composta por dois caracteres, um significando “perigo” e o outro, “possibilidade”.

(O que, aliás, não é verdade.)

Anos depois, o setor financeiro se recuperou. Lucros, salários, dividendos e bônus voltaram ao que eram antes.

A ordem e a história econômicas que tantos acharam que desapareceriam com as crises se provaram obstinadas. Intelectualmente robustas. A questão é: por quê? Há muitas respostas. O objetivo deste livro é oferecer a seguinte perspectiva sobre o assunto: a do sexo.

Não como você talvez poderia pensar.

Se o Lehman Brothers [irmãos Lehman] fosse Lehman Sisters [irmãs Lehman], a crise financeira teria sido diferente, disse Christine Lagarde em 2010, quando ainda era ministra das Finanças da França.¹

Supõe-se que ela não estivesse falando muito a sério.

O Audur Capital, um fundo islandês de investimento em participações, também conhecido como *private equity*, inteiramente administrado por mulheres, foi o único fundo do tipo que passou pela crise sem nenhum arranhão, destacou Lagarde. E há estudos que mostram que homens com níveis mais altos de testosterona têm mais tendência a se arriscar.² Correr riscos excessivos é o que quebra os bancos e gera as crises financeiras, então será que os homens não têm hormônios demais para cuidar da economia?

Outros estudos mostram que as mulheres têm uma tendência pelo menos igual à dos homens a correr riscos, mas só quando estão no meio de seu ciclo menstrual. Será que o problema com os banqueiros é que eles são como mulheres ovulando? Qual é a ligação entre o ciclo de negócios e o ciclo menstrual?³

Mais estudos apontam que garotas em escolas só de meninas têm a mesma avidez para correr riscos que os garotos. Garotas em escolas mistas, por outro lado, são mais cuidadosas. Em outras palavras, normas e ideias sobre o que o seu sexo é em relação ao chamado sexo oposto parecem ser importantes.⁴

Pelo menos quando o sexo oposto está presente.

Podemos brincar com essas coisas ou podemos levá-las a sério, mas um fato é incontestável: o Lehman Brothers nunca teria sido Lehman Sisters. Um mundo onde mulheres dominassem Wall Street seria tão diferente do mundo real que descrevê-lo não nos diria nada da realidade. Milhares de anos de história teriam de ser reescritos para levar ao momento hipotético em que um banco de investimentos chamado Lehman Sisters fosse capaz de lidar com uma superexposição no aquecidíssimo mercado imobiliário norte-americano.

Esse experimento mental é inútil.

Não dá para simplesmente trocar “irmãos” por “irmãs”.

A história das mulheres e da economia é muito maior que isso.

O feminismo é uma tradição de pensamento e ação política que remonta a mais de duzentos anos. É um dos grandes movimentos políticos democráticos de nossa época, independentemente do que pensemos sobre suas conclusões. O feminismo também é responsável pelo que provavelmente é a maior mudança econômica sistêmica do último século.

Alguns diriam de todos os tempos.

“As mulheres foram trabalhar nos anos 1960”: é assim que se costuma contar a história.

Mas não é verdade. As mulheres não “foram trabalhar” nos anos 1960 nem na Segunda Guerra Mundial.

As mulheres sempre trabalharam.

O que aconteceu nas últimas décadas é que elas trocaram de emprego.

Do trabalho em casa, passaram a assumir posições no mercado e começaram a ser pagas por sua mão de obra.

Do trabalho como enfermeiras, cuidadoras, professoras e secretárias, passaram a competir com os homens como médicas, advogadas e biólogas marinhas.

Isso representa uma mudança social e econômica gigantesca: metade da população levou a maior parte de seu trabalho de casa para o mercado.

Mudamos de um sistema econômico para outro, sem realmente nos darmos conta disso.

Ao mesmo tempo, a vida familiar se transformou.

Ainda recentemente, nos anos 1950, as mulheres norte-americanas davam à luz, em média, quatro filhos. Hoje, esse número caiu para dois.

No Reino Unido e nos Estados Unidos, o modelo de família das mulheres se organizou de acordo com o nível de instrução

delas. Mulheres instruídas têm menos filhos, e os têm mais tarde. Mulheres com menos instrução têm mais filhos, e os têm muito mais jovens.⁵

Ambos os grupos são retratados de forma caricata pela mídia.

A mulher que tem uma carreira leva o bebê gritando dentro da pasta; tendo esperado até os 40 anos para ter sua cria, agora nem tem tempo de cuidar dela. Ela é egoísta, irresponsável, uma mulher horrível.

A jovem mãe de classe operária fica em sua moradia popular, vivendo de benefícios do governo e sem um homem em sua vida. Ela também é egoísta, também é irresponsável e também é uma mulher horrível.

O debate sobre a colossal mudança econômica pela qual passamos frequentemente começa e acaba aqui: em opiniões sobre como mulheres, individualmente ou como caricaturas dessas mulheres, devem viver a vida.

Na Escandinávia, onde a sociedade investe quantias enormes em assistência a crianças e licença-parental paga, o modelo familiar feminino é mais unificado e independente do nível de educação. Em geral, as mulheres também têm mais filhos. Mas, mesmo nesses Estados de bem-estar social mundialmente famosos, as mulheres ganham menos que os homens⁶ e o número de mulheres em cargos administrativos altos é pequeno comparado a muitos outros países.⁷

Em algum lugar aí há uma equação que ninguém conseguiu resolver.

Talvez ainda nem tenhamos a linguagem para falar disso, mas é, sem dúvida, uma equação econômica.

Muita gente tem medo de economia. Dos termos, da autoridade, dos rituais e de sua aparente incompreensibilidade universal. O período imediatamente antes da grande crise financeira foi uma época em que nos pediram para deixar a economia na mão dos especialistas. Disseram que eles resolveriam os problemas e que não éramos competentes o suficiente para entender sua solução. Nesse período, presidente de banco central virava celebridade e era nomeado

“Homem do Ano” pela revista *Time* por ter cortado taxa de juros para salvar a civilização ocidental.

Essa época passou.

Esta é uma história de sedução. Sobre como certa visão de economia se entranhou em nós de forma traiçoeira. Sobre como foi permitido que ela dominasse outros valores, não apenas na economia global, mas em nossa vida. Trata de homens e mulheres e de como os brinquedos nos dominam quando damos vida a eles.

Para amarrar tudo isso, temos de começar pelo começo.

CAPÍTULO 1

EM QUE ENTRAMOS NO MUNDO DA ECONOMIA E NOS PERGUNTAMOS QUEM ERA A MÃE DE ADAM SMITH

Como o seu jantar chega a você? Essa é uma questão fundamental da economia. Parece simples, mas é extremamente complicada.

A maioria de nós só produz uma pequena porcentagem do que consome todos os dias. O resto, nós compramos. O pão fica na prateleira do mercado, e a eletricidade flui por fios quando ligamos o abajur. Mas dois filões de pão e 1 quilowatt de eletricidade exigem a atividade coordenada de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Do fazendeiro que cultiva o trigo que é vendido à panificadora. Da empresa que vende os sacos para embalar o pão. Da panificadora que vende pão para o supermercado e do supermercado que vende pão a você. Tudo isso precisa acontecer para que o pão esteja lá na prateleira numa terça-feira qualquer – e há ainda as pessoas que vendem ferramentas aos fazendeiros, transportam as mercadorias até a loja, fazem manutenção dos veículos, limpam os supermercados e desembalam o produto.

Todo esse processo precisa acontecer mais ou menos sincronizado, mais ou menos na ordem certa e vezes suficientes para

que as prateleiras de uma padaria não fiquem vazias. E precisa acontecer não apenas a cada filão de pão, mas também a cada livro, boneca, bomba, bexiga e qualquer outra coisa que possamos pensar em comprar e vender. A economia moderna é uma coisa complexa.

Então, os economistas ponderaram: o que mantém tudo isso de pé?

A economia foi descrita como a ciência de como conservar o amor.¹ A ideia básica é a seguinte: o amor é escasso. É difícil amar um vizinho, sem falar do vizinho do vizinho. Portanto, devemos conservar nosso amor, não o gastar de forma desnecessária. Se o usamos como combustível da sociedade, não sobrarão amor para a nossa vida privada. O amor é difícil de achar – e mais difícil ainda de manter. É por isso que os economistas determinaram que precisávamos organizar a sociedade em torno de outra coisa.

Por que não usar, então, o interesse pessoal? Dele, parece haver um excedente.

Em 1776, Adam Smith, o pai da economia política, escreveu as palavras que moldaram nossa compreensão moderna da economia: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelos próprios interesses”.

A ideia de Smith era que o açougueiro trabalha para ter clientes satisfeitos e, assim, dinheiro. Não para ser legal. O padeiro assa e o cervejeiro faz cerveja não porque eles querem fazer as pessoas felizes, mas porque querem ter lucro. Se o pão e a cerveja forem bons, as pessoas comprarão. É por isso que padeiros e cervejeiros produzem suas mercadorias. Não porque realmente se importam em levar bom pão e cerveja gostosa às pessoas. Não é essa a força propulsora. A força propulsora é o interesse pessoal.

Podemos confiar no interesse pessoal. Ele é inesgotável.

Já o amor... O amor é escasso. Não há o suficiente para distribuir pela sociedade; ele deve ser conservado em um recipiente de uso pessoal. Senão, ele pode estragar.

“O que tem 100 metros de comprimento, se movimentado feito uma lesma e só vive de repolho? Resposta: a fila de uma padaria na União Soviética.”²

Não queremos que as coisas sejam como eram na União Soviética.

Adam Smith nos contou por que os mercados livres eram a melhor forma de criar uma economia eficiente. Suas ideias sobre liberdade e autonomia eram revolucionárias e radicais. Chega de deveres e regulamentos. Quando o mercado pode operar com liberdade, a economia funciona como um relógio, com os ponteiros alimentados pelo inesgotável combustível dos interesses pessoais, argumentou ele. Com todo mundo trabalhando para servir a si mesmo, todos terão acesso aos bens de que necessitam. O pão está lá na prateleira, a eletricidade corre pelos fios, e você recebe o seu jantar.

O interesse pessoal de cada um garante que o todo funcione junto – sem que ninguém realmente precise pensar sobre o todo. É mágico. E se tornou uma das mais renomadas histórias de nossa época.

Nos primórdios da economia, era claro que o egoísmo fazia o mundo girar.

“O primeiro princípio da economia é: cada agente só é acionado pelo interesse pessoal”, escreveram economistas no fim do século XIX.³ A economia moderna foi construída sobre “a base do interesse pessoal”,⁴ e é uma maravilha que todos devemos admirar.

A economia não tinha a ver com dinheiro. Desde o início, tinha a ver com o modo como vemos as pessoas. Fundamentalmente, a economia era a história de como nos comportamos para lucrar em uma situação determinada. Em todas as situações. As consequências não têm importância.

Esse ainda é o ponto de partida das teorias econômicas padrão. Quando falamos coloquialmente sobre “pensar como economista”,

é isto que queremos dizer: pessoas que fazem o que fazem porque são beneficiadas por isso. Talvez não seja o retrato mais lisonjeiro da humanidade. Mas é o mais preciso. E, nos dizem, se você quiser conquistar qualquer coisa, é melhor ser realista. A moral representa a forma como gostaríamos que o mundo funcionasse, e os economistas nos dizem como ele realmente funciona. Pelo menos, é o que eles próprios afirmam.⁵

Não precisamos saber mais. É assim que levamos a vida. Graças a isso, a sociedade se mantém unida. Como se houvesse uma mão invisível. Esse é o grande paradoxo. Como sabemos, Deus sempre fala conosco por meio de paradoxos.

“A mão invisível” é a expressão mais conhecida da economia. Adam Smith cunhou o termo, mas foram os economistas que vieram depois dele que o popularizaram.⁶ A mão invisível toca tudo, guia tudo, está em tudo, decide tudo – mas não podemos vê-la nem senti-la. Ela não intervém de cima, de fora, não aponta nem mexe nas coisas. Ela surge nas ações e escolhas dos indivíduos e entre elas. É a mão que dirige o sistema – de dentro. O conceito foi mais relevante para os economistas modernos do que para o próprio Adam Smith. O pai da economia política só menciona o termo uma vez em *A riqueza das nações*, mas, hoje em dia, ele é frequentemente considerado o fundamento da ciência econômica e de seu universo singular.

Um século antes de Adam Smith escrever sobre a mão invisível, o inglês Isaac Newton publicou sua obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*.

Astrônomo, matemático, cientista natural e alquimista, Newton explicou as forças que mantinham a Lua em seu curso. Calculou os movimentos dos planetas, a atração gravitacional e por que as

maças despencam no chão – tudo é guiado pela mesma gravidade que carrega em seus braços os corpos celestes.

Newton nos deu a ciência moderna e toda uma nova visão sobre a existência.

Em sua época, a matemática era considerada uma linguagem divina. Foi por meio da matemática que Deus tornou “o livro da natureza” inteligível para a humanidade. Deus nos deu a matemática para podermos compreender sua criação. As descobertas de Newton inebriaram o mundo.

Talvez mais do que ninguém, inebriaram Adam Smith e a economia política nascente.

As leis do sistema solar previamente conhecidas apenas por Deus podiam agora ser compreendidas com o método científico. A visão do mundo mudou, passou de uma em que Deus intervinha, tinha opiniões, castigava, dividia oceanos, movia montanhas e pessoalmente abria milhões de flores a cada dia para uma em que Deus estava ausente e o universo era um relógio que ele tinha criado e no qual tinha dado corda, mas que agora batia sozinho.

O mundo virou um aparato, um enorme e incrível robô, uma performance gigantesca em que várias partes giravam como em uma máquina. Os intelectuais da época acreditavam cada vez mais que era possível explicar tudo como Newton explicara o movimento dos planetas. Isaac Newton tinha revelado as leis da natureza – e, com elas, o verdadeiro plano de Deus para o mundo.

Certamente, a mesma abordagem seria capaz de revelar as leis da sociedade, pensou Adam Smith, e, com elas, o verdadeiro plano de Deus para a humanidade.

Se havia um mecanismo na natureza, devia haver um mecanismo na sociedade.

Se havia leis conforme as quais os corpos celestes se moviam, devia haver leis conforme as quais os corpos humanos se moviam.

E elas poderiam ser expressas cientificamente.

Se conseguíssemos entender essas leis, poderíamos adaptar a sociedade de modo a fluir com elas. Conseguiríamos viver em harmonia com o plano verdadeiro. Nadar *com* a corrente, não *contra* ela, e, principalmente, compreender tudo. A sociedade poderia funcionar de forma tão suave quanto um relógio, tiquetaqueando precisamente do jeito mais conveniente para nós.

Essa era a tarefa assumida por Adam Smith e os economistas. Não se tratava de uma tarefa pequena. Como chegar a uma harmonia natural?

Supostamente, a força que na sociedade teria o mesmo papel que a gravidade tem no sistema solar seria o interesse pessoal.

“Posso calcular o movimento dos corpos celestes, mas não a loucura das pessoas”, disse o próprio Newton.⁷ Mas ninguém se importava. Adam Smith parecia ter revelado o verdadeiro plano de Deus para o mundo: um sistema de liberdade natural retratado como espelho perfeito da imagem da física newtoniana.

Se quiser entender algo, decomponha-o em pedaços. Era essa a metodologia de Newton. Divida o todo em partes menores. Se ainda não conseguir entender, desmonte de novo. Quebre em partes ainda menores. E assim por diante. Finalmente, chegará à menor parte na qual é possível dividir o todo. O bloco fundamental de Lego de que todo o resto é feito. A partícula elementar. O átomo. O menor componente. Então, é possível estudá-lo. Compreendendo essa peça, compreenderemos tudo.

Mudanças no todo não ocorrem porque as próprias partículas estão mudando; as partículas sempre são independentes daquilo de que estão participando. Cada mudança é apenas um novo padrão no qual elas se arranjam. Seus movimentos são impulsionados pelas leis da natureza. E o mundo é tão lógico quanto um relógio.

Os economistas tentaram repetir esse truque. Se quiser entender a economia, decomponha-a em pedaços. Separe cada complexo e coordenado processo necessário para o bife estar no açougue numa

terça-feira qualquer. Se ainda não entender, desmonte de novo. Quebre em partes ainda menores. Com as peças cada vez menores, os economistas encontraram o menor componente possível em que acreditavam ser possível dividir o todo. E chamaram isso de “indivíduo”.

Se entendermos o indivíduo, entenderemos tudo, pensaram.⁸ Assim como a física da época se dedicava a átomos indivisíveis, a economia se dedicava a indivíduos autônomos. A sociedade é simplesmente a soma desses indivíduos. Se a economia muda, não é porque esse indivíduo mudou – sua identidade nunca é afetada pelos outros. Mas ele faz escolhas. Cada mudança é apenas um novo padrão no qual ele se arranjou. Novas escolhas que ele fez em relação aos outros. Eles nunca se conhecem, mas interagem. Como bolas de bilhar. A consciência do indivíduo, sobre a qual ninguém a não ser ele próprio tem controle, permanecerá para sempre imutável.

No mais, silêncio.

A maior conquista de Adam Smith foi que, desde o começo, ele conseguiu mapear a nascente disciplina da economia na visão de mundo da física. Lógica, racional e previsível. Era assim que a física parecia ser naquele período. Isso foi antes de o tempo e o espaço se mesclarem no indivisível espaço-tempo. Antes de o universo se dividir a cada medição em tantos mundos quanto o número de possíveis resultados naquele momento. Mas os economistas nunca ligaram muito para a física moderna. Ainda estão olhando para as estrelas no céu de Newton.

“O que realmente me interessa é se Deus teve alguma escolha na criação do mundo”, perguntou-se Albert Einstein, pai da física moderna, no início do século xx.⁹ Há alguma alternativa desconhecida às leis da física de Newton? Outra forma de fazer as coisas? Os economistas contemporâneos raramente seguiam essa linha de raciocínio. Estavam muito seguros de si. A teoria econômica é um “corpo de generalização cuja precisão substancial

e importância só podem ser questionadas por ignorantes ou perversos”, escreveu o economista britânico Lionel Robbins, em 1945.¹⁰ O ponto central é que não há alternativa. O mercado vivia da natureza humana. E os economistas estudavam o mercado, portanto, estudavam as pessoas.

Antigamente, os reis contratavam conselheiros da corte que interpretavam padrões aparentes nos intestinos de animais mortos. Estudavam cores e formas para informar o governante sobre como os deuses poderiam reagir a uma decisão política ou outra. Na Itália pré-histórica, os etruscos dividiam as bordas externas do fígado de uma ovelha em pedaços separados. Mas o mundo evoluiu desde então. Hoje, os economistas assumiram o papel desses consultores. Com mais ou menos precisão, eles tentam profetizar como o mercado reagirá a uma ou outra decisão que os políticos estejam considerando.

Em geral, queremos viver em uma economia de mercado, mas não em uma sociedade de mercado. Aprendemos que precisamos aceitar uma coisa para ter a outra. Fidel Castro dizia que a única coisa pior que ser explorado pelo capitalismo multinacional é não ser explorado pelo capitalismo multinacional. Ele talvez estivesse certo. “Não há alternativa”, declarou Margaret Thatcher.¹¹ O capitalismo parecia (ao menos até a crise financeira de 2008) ter sido bem-sucedido no ponto em que todas as grandes religiões mundiais falharam: unir a humanidade em uma única comunhão – o mercado global.

O mercado pode decidir quanto devem custar o ferro e a prata, quais as necessidades das pessoas, quanto devem ganhar babás, pilotos e presidentes de empresas. Quanto uma mulher deve pagar por um batom, por um cortador de grama e para retirar o seu útero cirurgicamente. O mercado dita quanto vale para um banco de investimento avançar nas reservas dos contribuintes (70 milhões de dólares ao ano).¹² E quanto vale segurar a mão ansiosa de uma mulher de 87 anos enquanto ela dá seus últimos suspiros em um Estado de bem-estar social escandinavo (96 coroas a hora, pouco mais de 30 reais).¹³

Quando o jantar de Adam Smith era servido, ele não achava que era porque o açougueiro e o padeiro gostavam dele – pensava que era porque os interesses desses profissionais eram atendidos com a troca. Era o interesse pessoal que colocava o jantar na mesa de Adam Smith.

Era mesmo? Quem realmente cozinhava o bife?

Adam Smith nunca se casou. O pai da economia viveu com a mãe durante a maior parte da vida.¹⁴ Ela cuidava da casa, e uma prima cuidava de suas finanças. Quando foi nomeado agente alfandegário em Edimburgo, sua mãe se mudou com ele. Ela cuidou do filho a vida toda, e essa é uma parte que Adam Smith omite da resposta à questão de como nosso jantar é servido.

Para que o açougueiro, o padeiro e o cervejeiro pudessem ir trabalhar, na época em que Adam Smith estava escrevendo, suas esposas, mães ou irmãs tinham de passar horas e horas, dia após dia cuidando das crianças, limpando a casa, cozinhando, lavando roupa, enxugando lágrimas e brigando com os vizinhos. Não importa como encaramos o mercado, ele sempre é construído sobre outra economia. Uma economia que raramente debatemos.

A garota de 11 anos que anda 15 quilômetros todas as manhãs para pegar lenha para a família tem um papel importante na capacidade de desenvolvimento econômico de seu país. Mas esse trabalho não é reconhecido. A garota é invisível nas estatísticas econômicas. No cálculo do PIB, que mede a atividade econômica total de um país, ela não é contada.¹⁵ O que ela faz não é considerado importante para a economia. Nem para o crescimento. Dar à luz, criar filhos, cultivar um jardim, cozinhar para seus irmãos, ordenhar a vaca da família, costurar roupas para seus parentes ou cuidar de Adam Smith para que ele possa escrever *A riqueza das nações...* Nada disso conta como “atividade produtiva” nos modelos econômicos padrão.

Fora do alcance da mão invisível, há o sexo invisível.

A autora e feminista francesa Simone de Beauvoir descreveu a mulher como “o segundo sexo”.¹⁶ É o homem que vem primeiro.

Ele define o mundo e a mulher é “a outra”, tudo o que ele não é, mas também aquilo de que ele depende para poder ser quem é.

Para poder ser importante.

Assim como existe um “segundo sexo”, existe uma “segunda economia”. O trabalho tradicionalmente executado por homens é o que conta. Ele define a visão de mundo econômica. O trabalho da mulher é “o outro”. É tudo o que ele não faz, mas de que depende para poder fazer o que faz.

Para poder fazer as coisas importantes.

Adam Smith conseguiu responder a apenas metade da questão fundamental da economia. O jantar dele não existia apenas por conta dos interesses pessoais dos comerciantes. O jantar de Adam Smith era servido porque a mãe dele garantia que a comida estivesse sempre à mesa.

Atualmente, às vezes salientam que a economia é construída não apenas com uma “mão invisível”, mas também com um “coração invisível”.¹⁷ Mas talvez essa seja uma imagem idealizada demais das tarefas que a sociedade historicamente designou às mulheres. Não sabemos por que a mãe de Adam Smith cuidava de seu filho.

Só sabemos que ela cuidava.